

**(Re)pensando relações familiares e de casamento entre migrantes cearenses na Amazônia**

Keila de Sousa Aguiar<sup>1</sup> (UFPA)

Família; Migrantes; Gênero.

ST 34 - Vínculos familiares em questão: representações e práticas sociais de gênero e suas implicações

A presença de migrantes nordestinos na Amazônia é visualizada com intensidade desde as políticas de colonização e arregimentação de mão-de-obra para extração do látex no século XIX (BENCHIMOL, 1999; SANTOS, 1980; LACERDA, 2006), daí em diante se estabeleceu um vínculo entre as regiões Norte e Nordeste que persiste ao longo do tempo. Apesar dessa assertiva, ainda pairam interrogações sobre as formas de organização e sociabilidade destes grupos que desde seu estabelecimento na região amazônica, marcam e são marcados por suas especificidades<sup>2</sup> (AGUIAR, 2002).

Assim, volto meu olhar e minhas análises para um grupo de famílias migrantes estabelecidas na cidade de Santarém, localizada no interior do estado do Pará<sup>3</sup>, que revelam uma rede de relações sociais tidas como próprias e, em certa medida, conflitantes com as relações sociais dos grupos originários da região.

O estudo inside sobre a análise das relações familiares, de casamento e de gênero, já que esses migrantes são conhecidos na cidade por possuírem preferência ao casamento homogâmico e extensas relações familiares. Tendo como foco mudanças e permanências das formas como se estabelecem os vínculos de parentalidade e conjugalidade ao longo de três gerações do grupo.

A pesquisa começou a ser pensada a partir de minha experiência, pois, sou filha e neta de migrantes cearenses. A chegada de minha família naquela cidade remonta a década de 50, mais especificamente o ano de 1951<sup>4</sup>, quando o Pai Juca comprou um caminhão e junto com mais 25 famílias (entre elas a minha) saiu do interior do Ceará, de uma localidade denominada Seriema, rumo a um destino ainda não conhecido. Após passarem por Feira de Santana, no estado da Bahia, e enviarem parte das famílias para Minas Gerais, resolveram rumar para Santarém que constava na lembrança de Pai Juca dos tempos dos seringais do Acre, onde havia trabalhado no seringal de um primo de seu pai (CUNHA, 1994).

Como pioneiros vieram as famílias Aguiar (da qual faço parte), Ireno, Machado, Walfredo, Cunha e outros. Outra parte destas famílias veio para Santarém, sete anos depois, em 1958, “mandados buscar” por parentes cujos negócios prosperaram após 1951. Dessa forma, podemos perceber que a migração é um projeto coletivo, não é estabelecida apenas por uma escolha individual, mas, por condições estruturais. Fazito (2007), ao estudar os processos imigratórios

analisa-os como algo conectado as redes sociais e familiares, o que também é possível perceber no contexto desta pesquisa, já que, os caminhos indicam que os migrantes cearenses estabelecidos em Santarém são originários da mesma região do Ceará e deslocaram-se para esta cidade através de suas relações de parentesco, reforçando a articulação das redes sociais, que neste caso, passam a ser estabelecidas pelas relações familiares de consangüinidade, algo que Ridley-Leigh (1980) denomina de “imperativo moral”, que consiste na obrigação de ajudar os parentes e acaba por estabelecer um elo de ligação entre origem e destino, mantendo assim, um fluxo constante. Este foi o caso de Dona Mocinha<sup>5</sup> que migrou para Santarém com o marido e sete filhos a pedido do irmão dele que já havia fixado negócios na cidade.

Assim, as análises que proponho nesta pesquisa justificam-se no fato da migração cearense na região, caracterizar-se por ser um fenômeno familiar que não só estabelece uma interação entre origem e destino, mas, é construída em função e em volta das relações familiares.

Dessa forma, a relação desses migrantes mostra muitos momentos de conflito com a população originária do estado, já que, quem - como eu - nasceu e cresceu em uma família de migrantes cearenses numa cidade do interior, como Santarém, foi ensinada a dividir as pessoas em dois grupos os “cearenses” e os “paraenses”. Estas diferenças estão expressas nas falas dos interlocutores e apontam para variadas áreas de relacionamento e sociabilidade como o trabalho, alimentação e relações sociais. Geralmente, essas diferenças são construídas em conflito com o grupo paraense.

Norbert Elias (2000), estudando uma comunidade do interior da Irlanda, ao analisar os conflitos existentes entre os *estabelicidos*, formados pelas “famílias antigas” da comunidade que se consideravam as “pessoas melhores” e superiores em relação aos *outsiders* que, nesse caso, são representados pelos “de fora”, as pessoas recém estabelecidas na região consideradas “humanamente inferiores”, ajuda a pensar a relação entre os *paraenses* – estabelecidos – e os *cearenses* – *outsiders* -, como dois grupos que criam normas de convivência baseadas na assimetria, onde o comportamento de ambos os grupos espelham-se nos conflitos existentes entre eles.

Assim, *cearenses* são identificados pelas extensas relações familiares e pelos casamentos homogâmicos (CANCELA, 2006), ou seja, casamentos com pessoas da mesma origem, consideradas “parentes”. Esta identificação pode ser feita através de diversas marcas sociais, como por exemplo: estando associada ao fato de trabalhar no/com o comércio varejista, frequentar um clube específico (Comercial Atlético Cearense), entre inúmeros outros detalhes descritos nas falas dos interlocutores.

Dessa forma, ser “cearense” nesse contexto, constitui-se numa identidade definida, embora diversa a propósito de Hall (1998), tanto pelos outros como por eles mesmos. Portanto, para os interesses desta pesquisa estão sendo considerados “cearenses” não somente aqueles que gozam da

naturalidade oficial, como também, seus descendentes, ou seja, os que se identifiquem, ou que sejam identificados como tal, mesmo não tendo nascido no Ceará, mas que assim são chamados, por suas relações de sociabilidade. O estudo refere-se, exclusivamente, às famílias que constituíram descendência na cidade de Santarém e que nela residem atualmente. Por se tratar de um universo muito amplo de pessoas, estou trabalhando com um recorte que leve em conta os migrantes cearenses oriundos de famílias que se estabeleceram na cidade de Santarém a partir dos processos migratórios de 1951 e 1958.

A proposta desta pesquisa não é apenas desenhar um perfil dos casamentos ou das relações familiares, mas adentrar na dinâmica que os aciona, percebendo os caminhos percorridos pelos interlocutores para justificar os valores referentes a tais relações, quer sejam com membros do grupo de origem, quer sejam com as pessoas fora desse grupo de origem. Portanto, é imperativo que o estudo percorra gerações (BRITO da MOTA, 2007) no intuito de compreender as mudanças dos mecanismos de alianças familiares e conjugalidades. Dessa forma, a primeira geração é contada a partir dos migrantes que se fixaram na região entre os anos de 1951 e 1958; a segunda geração é formada por seus filhos, com ou sem naturalidade cearense; e a terceira geração é formada pelos netos já nascidos naquela cidade, ou neste estado.

Nesse sentido, o uso da categoria gênero (SCOTT, 1990; LOURO, 2007) tornasse primordial quando associados às outras categorias analíticas – por exemplo, geração - pois, possibilita atentar para as diferença e aproximações entre homens e mulheres na vivência e representação das relações familiares e de casamento destes migrantes. A partir desta categoria, cria-se a possibilidade de perceber o movimento das identidades sociais quando os migrantes cearenses necessitam definir família e casamento, só assim, posso perceber como os marcadores sociais feminino e masculino, jovens e velhos, ou mesmo de condição social pressupõem e reconstroem dinâmicas de atuação em seu contexto.

Dessa forma, é necessário compreender que quando estou tratando do termo *família*, não estou mencionando uma instituição exclusivamente pautada nos moldes patriarcais, ou mesmo, uma instituição eminentemente pautada pelo modelo da família burguesa<sup>6</sup>. A definição que melhor se encaixa na perspectiva deste projeto é tratar a família como um *valor*, uma referência utilizada pelas pessoas para se localizarem na sociedade, e ainda, como um espaço onde se produz valores sociais e morais (SARTI, 2007; CANCELA, 2006), que podem articular representações e comportamentos patriarcais ou burgueses de acordo com contextos e situações específicas.

Os estudos sobre família se caracterizam pela interdisciplinaridade, nestes trabalhos, duas perspectivas marcam os estudos brasileiros sobre família: uma enfatiza a estrutura e a organização das famílias e a outra focaliza a família enquanto valor. Meu desafio reside na possibilidade de interlocução dessas duas perspectivas.

Torna-se necessário entender até que ponto estas características pensadas como próprias de um segmento social de camada média ou popular são demarcadas estritamente? E até que ponto elas podem circular entre os diversos segmentos sociais? Estas são algumas das questões que pretendo discutir ao analisar as famílias migrantes constituídas por pessoas de vários segmentos sociais.

Pensando estas questões me detive a observar a família de Dona Mocinha Aguiar, que veio para a cidade em 1958 com seu marido e sete filhos, o motivo da vinda foi a seca do mesmo ano que devastava a região de Frecheirinha de onde é natural. A vinda para Santarém foi idéia do marido que teve tudo arranjado por um de seus irmãos que já morava na cidade e havia vindo para a região em 1951. Hoje, ela está com 80 anos de idade e viúva há 18 anos. Dona Mocinha possui 10 filhos e 31 netos, veio de uma família de 22 irmãos onde a maioria encontra-se residindo em Santarém. Referindo-se a festa de seus 80 anos, disse que perdeu “a conta na hora de convidar só a família para festa”, foram mais de 300 convidados.

Como fui convidada a participar do evento, por fazer parte da família, a festa se constituiu numa observação sem igual das relações familiares vivenciadas pelo grupo, posto que, reuniu pessoas de várias idades e de diferentes gerações. Música, comida, animação eram as características particulares da festa. Pessoas se cumprimentando, falando ao mesmo tempo, risos e abraços empolgados, afinal até parentes distantes haviam vindo para a comemoração.

As mesas estavam dispostas em pequenos grupos familiares, nomeadas sempre pelo membro mais velho ou parente mais próximo da convidada, seguida pelos seus filhos e netos. Boa parte das famílias mais antigas de migrantes cearenses, certamente, estava lá e todos se admiravam da “bonita família”, aliás, esse era o termo que mais se escutava nas conversas entre os membros das mesas. Também eram comuns comentários sobre a felicidade da família e de como a família havia crescido. E o termo família parecia ser proclamado com uma utilização própria, ou seja, referindo-se a todos que estavam presentes na festa. Eram irmãos, afilhados, primo de primeiro, segundo e terceiro grau. No final, tinha-se a impressão que todos se encaixavam na mesma árvore genealógica e que era bastante frondosa.

A disposição das mesas permitia perceber que a maior parte dos casais era “cearense”, tanto os mais velhos quanto os mais novos, as exceções eram poucas, a homogamia apresentava-se como uma característica deste grupo, mesmo nos casais de namorados esta característica se fazia presente.

A família de Dona Mocinha não fugiu a regra, seus dez filhos estão casados com cearenses. Ela relata com orgulho que conseguiu casar as seis filhas e que todos conseguiram aumentar a família, agora “todos se ajudam”. Assim, podemos pensar que as relações familiares e de casamento podem ser analisados a partir das teorias de Claude Lévi-Strauss (1982), para quem o

parentesco encontra-se no princípio da reciprocidade baseado na teoria maussiana de dar – receber – retribuir.

Um olhar superficial me levaria a pensar que a extensão desta família e as relações por ela estabelecidas a encaixariam nas características das camadas populares. Porém, tal análise se desfez quando percebi que sete, dos dez filhos de Dona Mocinha, são proprietários de uma ou mais lojas na cidade e seus arredores, os outros três filhos trabalham junto com os irmãos. Então, poderia ser encaixada nas características da classe média vivenciando os padrões familiares estabelecidos pela/para essa condição social? Eis a questão. Até que ponto conjugalidade e parentalidade são opostas? Como pensar a forma pela qual um grupo cuja trajetória geracional remete a uma ascensão econômica estabelece relação entre individualidade e relações familiares mais amplas? Como estas características aparecem e circulam neste grupo de migrante? Dessa forma, tais interrogações dão sentido a este projeto.

### *Referências*

BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: Formação Social e Cultural. Manaus: Editora Valer: Editora da Universidade do Amazonas, 1999.

BRITO da MOTTA, Alda. *O par relutante*. Trabalho apresentado no 13 CISO: Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste em Maceió, 3 a 6 de setembro, 2007. Cd rom.

CANCELA, Cristina Donza. *Casamento e relações familiares na economia da borracha (Belém – 1870 – 1920)*. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-graduação em História Econômica na Universidade de São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. *Casamento e famílias em uma capital amazônica: estrutura e valores (Belém, 1995-2006)*. 13º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, Outubro de 2007.

CORRÊA, Marisa. *Repensando a família patriarcal brasileira*. In: Colcha de retalhos: Estudos sobre a família no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP, 3ª Ed., 1994

CUNHA, Maria Georgete Pessoa. *A imigração da família Aguiar*. Monografia de conclusão de curso apresentada ao Departamento de História da UFPA, 1994.

D'INCAO, Maria Ângela (org). Amor e Família no Brasil. SP: Contexto, 1989.

ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

FAZITO, Dimitri. “A configuração dos arranjos familiares nos processos migratórios: a força dos laços fortes para a intermediação”.

GEABRA, Ivone. *A mobilidade da senzala nordestina: mulheres nordestinas, vida melhor e feminismo*. São Paulo: Paulinas, 2000.

HALL, Stuart. “Notas sobre a desconstrução do popular”. In: *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG/ Brasília: Unesco, 2003.

LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes cearense no Pará: faces da sobrevivência (1889-1906)*. Tese de Doutorado defendida na Universidade de São Paulo, 2006.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

LOURO, Guarcira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.

RIDLEY-LEIGH, Dominique. “Mulheres na migração redes de parentesco como uma estratégia de sobrevivência”. In: *Encontros com a civilização brasileira*, nº 26, 1980.

SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho*. São Paulo: Cortez, 2007.

SCOTT, Joan. *Gênero uma categoria útil de análise histórica*. Mulher e realidade: mulher e educação. Porto Alegre: Vozes, v.16, n.12, 1990.

SOUZA, Itamar & MEDEIROS FILHO, João. *Os degredados filhos da seca: uma análise sócio-política das secas do Nordeste*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1983.

---

<sup>1</sup> Historiadora, mestranda em Antropologia pelo Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais – PPGCS da Universidade Federal do Pará - UFPA.

<sup>2</sup> Esses detalhes aparecem nas falas dos interlocutores, especialmente das mulheres, como o fato de somente poderem sair com parentes, frequentar festinhas nas casas de famílias conhecidas do grupo, ter seu primeiro trabalho na loja de algum parente, já para os homens, aparecem detalhes como ter um “comércio no mercado”, montar loja no garimpo e comprar uma moto. Embora esses detalhes possam ser vivenciados por qualquer pessoa é interessante como eles próprios destacam tais diferenças como definidoras de sua identidade, e, dependendo da geração elas são marcadas por uma ou outra característica, na terceira geração, por exemplo, aparece a preocupação com a formação em nível superior.

<sup>3</sup> A cidade de Santarém está situada na microrregião do Médio Amazonas a 36m de altitude na confluência dos rios Amazonas e Tapajós, distante 1.369km da capital do estado e ocupa uma área de 24.154 km<sup>2</sup>, com uma população de aproximadamente quinhentos mil habitantes ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Santar%C3%A9m\\_\(Par%C3%A1\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Santar%C3%A9m_(Par%C3%A1)))

<sup>4</sup> Esta data é bastante expressiva, na verdade, os anos de 1951 e 1958 foram caracterizados por grandes períodos de seca no Ceará. Segundo Souza e Medeiros Filho a década de 50 foi marcada por esse fenômeno que “começou com uma seca de três anos: 1951-1953 ... [a] partir desta seca teve início o transporte de nordestinos no caminhão ‘pau-de-arara’ ... mas a grande seca desta década foi a de 1958 ...” (p.35), que, segundo os autores chegou a atingir um raio de 500 mil km<sup>2</sup>. Cf: SOUZA, Itamar & MEDEROS FILHO, João. *Os degredados filhos da seca: uma análise sócio-política das secas do Nordeste*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1983 e GEABRA, Ivone. *A mobilidade da senzala nordestina: mulheres nordestinas, vida melhor e feminismo*. São Paulo: Paulinas, 2000.

<sup>5</sup> Todos os nomes apresentados são fictícios, no sentido, de preservar a identidade dos (as) interlocutores (as).

<sup>6</sup> O modelo de família patriarcal perpetuado por Gilberto Freyre, ao trabalhar o universo colonial brasileiro, é caracterizado pela família extensa, pelo domínio masculino e a submissão feminina sendo tratada como uma instituição cuja funcionalidade obedece aos desígnios do patriarca. Já a concepção de família burguesa ou moderna reflete-se no modelo de família nucleada formada por pai, mãe e filhos envolvidos pela idéia do amor romântico, como se fosse possível subtrair as relações com uma família extensa ou com os laços de afinidade. Cf: FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1977, SAMARA, Eni Mesquita de *A História da família brasileira* In: Revista Brasileira de História, n.17, 1989. Marisa Corrêa acredita que CORRÊA, Marisa. *Repensando a família patriarcal brasileira*. In: Colcha de retalhos: Estudos sobre a família no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP, 3ª Ed., 1994, pp. ALMEIDA, Ângela Mendes de. *Notas sobre a família no Brasil*. In: Pensando a família no Brasil. RJ: espaço e Tempo, 1987, D'INCAO, Maria Ângela (org). *Amor e Família no Brasil*. SP: Contexto, 1989.